



Projeto “Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no semiárido como estratégia de enfrentamento às mudanças climáticas” do Programa Inova – Encomendas Estratégicas Saúde Indígena da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Coordenação do projeto: André Monteiro do Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho (Lasat/Fiocruz-PE), Marina Fasanello do Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepe/ENSP/Fiocruz), em parceria com Marcelo Tingui do Território Indígena Tingui-Botó/AL e Kleber Xukuru do Território Indígena Xukuru do Ororubá/PE, e a colaboração da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo/Apoimne.

Coordenador: André Monteiro Costa

Territórios de atuação:

Povo Tingui-Botó, Feira Grande, AL e Povo Xukuru do Ororubá, Pesqueira, PE

Número de inscrição: 73320465183107

ID do Projeto (Fiotec): VPAAPS-005-FIO-22-2-23

Vigência: 18/01/2022 até 18/01/2024

Equipe:

André Monteiro – Lasat/Fiocruz-PE

Marina Fasanello – FIOCRUZ

Júlia Sarraf – Neepe/Fiocruz

Rosiane Santos – Tingui-Botó

Micaele Simplicio – Xukuru do Ororubá

Isabella Guljor - Pibic/Neepe

Marcelo Campos - Tingui-Botó

Kleber Henrique da Silva – Xukuru do Ororubá

Alexandre Pankararu - APOINME

Isabella Guljor – Bolsista PIBIC do Neepe/Fiocruz

Morgana Maria Brandão - Assistente de pesquisa

Gabriela Protázio - Assistente de pesquisa

Jairã Sampaio - Tingui-Botó

Saulo Luders - Pesquisador Neepe

Iran Neves - Xukuru do Ororubá

Diego Renan - Xukuru do Ororubá

Wanessa Gomes - Pesquisadora

Wellington Campos - Pesquisador

Rafael

Sumário

Introdução.....	4
Objetivo.....	
Metodologia.....	
Organização do encontro.....	
Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas.....	
Mesa de Abertura.....	
Mesa 2 - Narrativas Indígenas: audiovisual e diálogos interculturais nas lutas por saúde, dignidade e direitos territoriais.....	
Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas.....	
Abertura Tradicional.....	
Apresentação Projeto Narrativas Indígenas do Nordeste.....	
Reconhecimento de Território.....	
Cinema na Aldeia.....	
Oficina Território Tingui-Botó: desafios e sonhos.....	
Cartografia de sonhos - saberes e práticas tradicionais.....	
Grupo de Trabalho - casa de sementes, viveiro.....	
Grupo de Trabalho - plantas que curam.....	
Encaminhamentos.....	

Relatório Encontro: Plantando Sementes e Curando Vidas

Organização: Marina Fasanello e

Reladoras: Morgana Maria, Micalle Xukuru, Rosiane Tingui

Introdução

O Encontro “**Plantando Sementes e Curando Vidas**”, realizado nos 8, 9 e 10 de março de 2023, na Aldeia Tingui-Botó em Alagoas e na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), é uma etapa da pesquisa “Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no semiárido como estratégia de enfrentamento às mudanças climáticas” do Programa Inova – Encomendas Estratégicas Saúde Indígena da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz

Na coordenação do projeto encontra-se André Monteiro do Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho (Lasat/Fiocruz-PE) e Marina Fasanello do Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepe/ENSP/Fiocruz), em parceria com Marcelo Tingui do Território Indígena Tinguí-Botó/AL e Kleber Xukuru do Território Indígena Xukuru do Ororubá/PE, e a colaboração da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo/Apoimne. Conta também com a parceria de grupos acadêmicos como a Faculdade de Psicologia da Universidade de Alagoas, Universidade de Pernambuco e o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

No dia 8 de março, tivemos três mesas no Auditório do Laboratório de Computação Científica e Visualização (LCCV) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Nos dias 9 e 10 de março, em um espaço de partilha de saberes e diálogos interculturais, na Aldeia Tingui-Botó, tivemos oficinas, rodas de conversa e trilhas ecológicas com pesquisadores acadêmicos, pesquisadores do território, lideranças e anciãos da Aldeia.

Esta pesquisa busca intensificar processos de resgate de saberes e práticas tradicionais que avancem na recuperação dos ecossistemas para a produção de alimentos e plantas tradicionais, tornando tanto os ecossistemas como as populações locais mais resilientes.

O estudo é desenvolvido em dois territórios indígenas, das etnias Tingui-Botó, em Alagoas e Xukuru do Ororubá, em Pernambuco. Ambos inseridos no Semiárido e vulnerabilizados pela desertificação e agravamento de problemas de saúde.

A pesquisa tem por base a edição anterior, que apontou para necessidade de apoiar e fortalecer alternativas sustentáveis e interculturais que integrem ações e práticas tradicionais de reflorestamento, de agricultura e de cuidado em saúde e sua relação com SasiSUS, no enfrentamento às vulnerabilidades emergentes e reemergentes em saúde nestes territórios indígenas (TIs). No âmbito da promoção da saúde, da agroecologia e agricultura do sagrado, estão sendo desenvolvidas também atividades de educação e formação com os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN), assim como a sistematização e resgate de sementes, contribuindo para restauração florestal. Além disso, está sendo realizado registro audiovisual visando a saúde do território e o engajamento de jovens na defesa do território e da cultura tradicional.

O projeto faz parte do Edital Inova Indígena e dá continuidade à cooperação anterior entre a Fiocruz-

PE e a ENSP. Nos anos 2021 e 2022 foi desenvolvido o projeto “Narrativas, memórias e diálogos interculturais: construindo uma rede audiovisual indígena do Nordeste como estratégia de uma promoção emancipatória da saúde para o fortalecimento do SasiSUS nos territórios”. O projeto resultou, entre outros, na plataforma <http://narrativasindigenas.ensp.fiocruz.br/> que disponibiliza mais de 100 vídeos produzidos por coletivos audiovisuais Indígenas do Nordeste.

Hospedagem: Coordenação de Comunicação Institucional (CCI) da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP).

Objetivo:

Este encontro tem como objetivo o reconhecimento do território e aproximação dos pesquisadores acadêmicos com os pesquisadores do território depois de um projeto inteiro ser realizado no formato virtual em função da pandemia da Covid 19, para validação das proposta

Metodologia:

A organização do Encontro e sua realização foram estruturados em torno de metodologias sensíveis “co-labor-ativas”, o que implica em pesquisar *junto com* adequando se ao tempo, lugar e pessoas ou comunidades que estão envolvidas neste processo de investigação. Temos por desafio transformar o ambiente acadêmico na produção de conhecimentos alternativos por meio do diálogo com os movimentos sociais, as comunidades e a sociedade, para promover as quatro justiça (social, sanitária, ambiental e cognitiva) de forma integrada. O diálogo com os referenciais antropológicos sobre saúde indígena vai ao encontro das ecologias de saberes e tradução intercultural que propomos em nossa metodologia sensíveis co-labor-ativa inspiradas nas epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos, assim como a sociologia das imagens de Silvia Cusicanqui.

Organização do Encontro:

Para a organização do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas no TI Tingui-Botó tivemos 10 encontros virtuais com toda a equipe do projeto com o objetivo de definir a programação geral, os temas das mesas do seminário na UFAL, contratação do transporte, compra de alimentos produzidos no próprio território indígena, materiais de consumo, hospedagem, solicitação de passagens aéreas para integrantes da equipe que estavam vindo de outros estados e diárias. Definir as atividades no território: levantamento de processos de vulnerabilização decorrente das mudanças climáticas nos territórios e a realização de diálogos interculturais entre as diferentes abordagens da agricultura no território e a agroecologia.

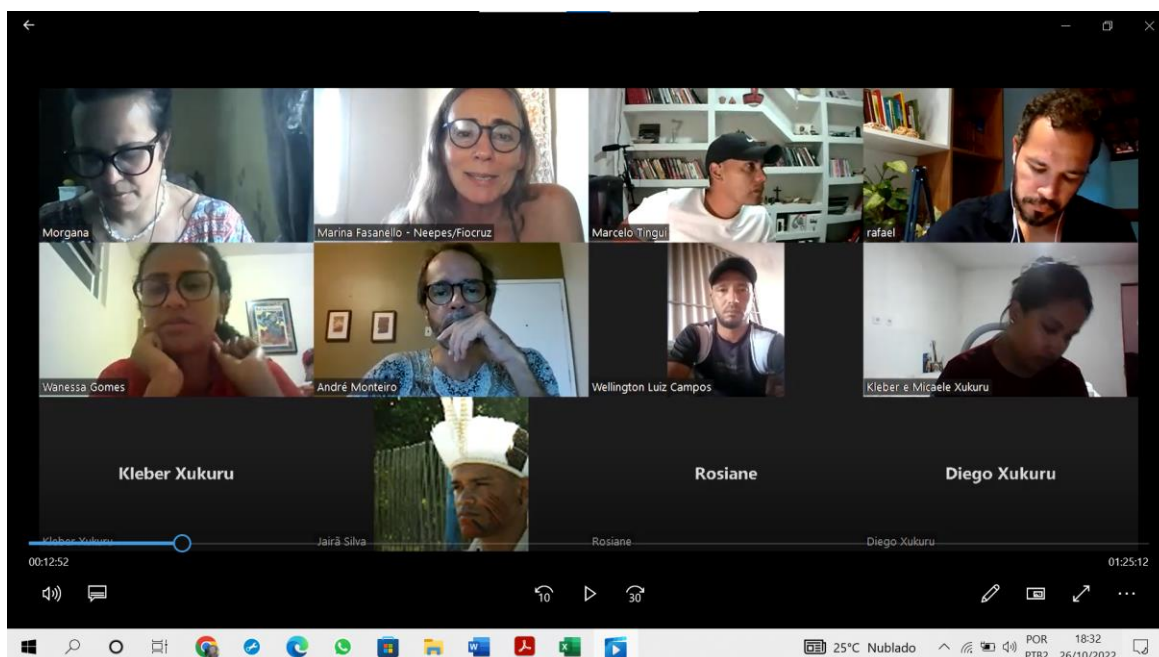


Imagem 1 - Organização do Encontro “Plantando Sementes e Curando Vidas” - TI Tingui-Botó

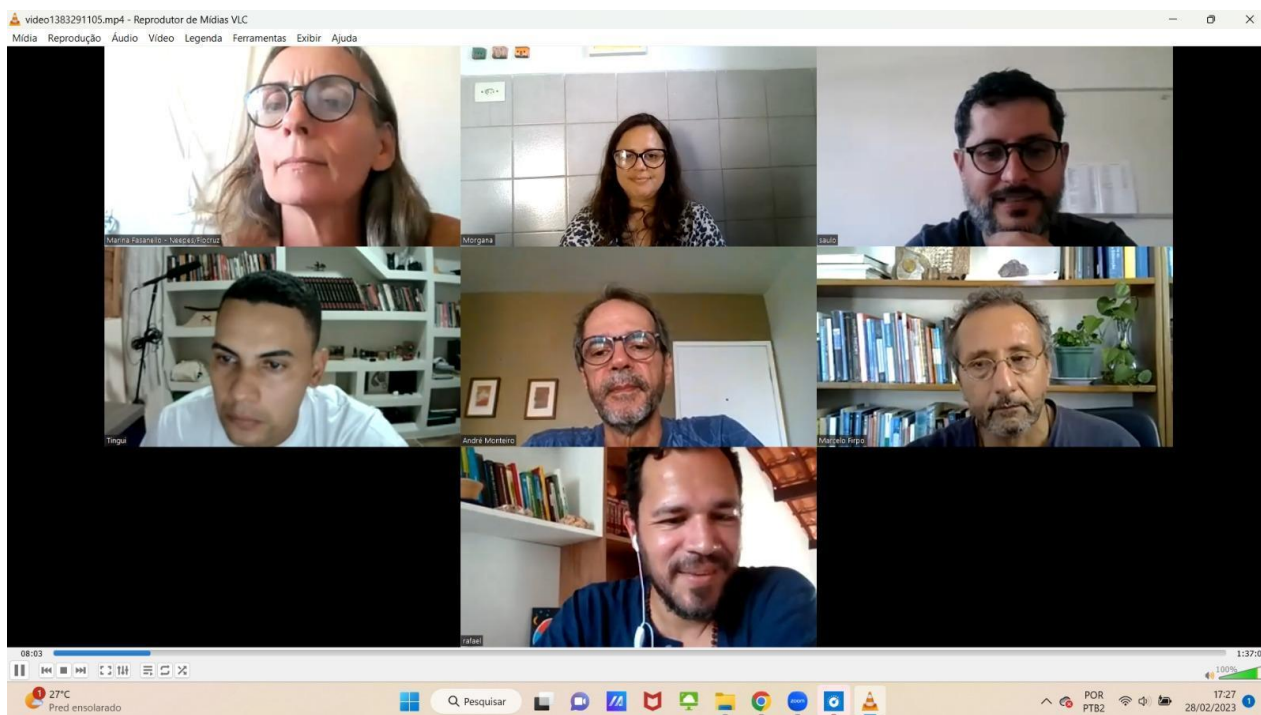


Imagem 2 - Organização do Encontro “Plantando Sementes e Curando Vidas” - TI Tingui-Botó

Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Local: Auditório do Laboratório de Computação Científica e Visualização (LCCV) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Data: 08/03

Horário: 13 às 17h

ENCONTRO: PLANTANDO SEMENTES E CURANDO VIDAS
ALDEIA TINGUI-BOTÓ

PROGRAMAÇÃO

8 de março
SEMINÁRIO: Auditório Laboratório de Computação Científica e Visualização (LCCV) da UFAL

13h30 Mesa: Narrativas Indígenas do Nordeste: audiovisual e diálogos interculturais nas lutas por saúde, dignidade e direitos territoriais

15h30 Mesa: Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no semiárido: diálogos interculturais como estratégia de enfrentamento de mudanças climáticas;

14h – Ponto de Encontro: Reconhecimento de Território

- Apresentação do território;
- Guianças na comunidade:

- Casa do artesão, casa do pajé, mais velhos da comunidade;
- Apresentação dos projetos em andamento no território viveiros, casa de sementes; sistema de saneamento tradicional Tingui-Botó.

17h - Lanche
19h - Jantar
20h - Cinema na aldeia na Oca

9 de março

9h - Abertura Tradicional Tingui-Botó

- Abertura tradicional Xukuru de Ororubá;
- Lideranças de Tingui Botó
- Representação Xuruku de Ororubá
- Apresentação Projeto Narrativas Indígenas do Nordeste e equipe

10h30 - Lanche

11h - Apresentação do Novo Projeto (cordenação)

- Apresentação Rafael Vasconcelos UFAL;
- Roda de diálogo.

12h30 - Almoço

10 de março

9h - Oficina "Território Tingui-Boto: desafios e sonhos.

- Círculo de cultura: aproximação entre saberes e práticas de cuidado Indígena e o SasiSUS Saulo e Wanessa

- Cartografia Social dos saberes e práticas tradicionais:
GT Plantas medicinais
GT Sementes - Viveiro (áreas de recuperação)

10h30 - Lanche
12h30 - Almoço
14h30 - Roda de Conversa:

16h - Trilhas Ecológicas
17h - Lanche
18:00 - Encerramento Tradicional do Seminário
19:00 - Jantar

Logos de parceiros: UFAL, CEC, UFPA, Ororubá Filmes, Tingui Filmes, NEEPS, LASAT, PROGRAMA INOVA FIOCRUZ, ENSP, FIOCRUZ Fundação Oswaldo Cruz.

Imagem 3 - Programação do Encontro “Plantando Sementes e Curando Vidas” - TI Tingui-Botó

No dia 8 de março, tivemos três mesas no Auditório do Laboratório de Computação Científica e Visualização (LCCV) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A primeira foi uma mesa de abertura do Seminário com Saulo Fernandes (UFAL), André Monteiro (FioCruz-PE) e Tanawy (Apoimne). A segunda delas teve como tema as Narrativas Indígenas do Nordeste: audiovisual e diálogos interculturais nas lutas por saúde, dignidade e direitos territoriais. Os palestrantes foram Marcelo Tingui e Kleber Xukuru, com moderação de Marina Fasanello (Neepees/ENSP/FioCruz). A terceira mesa falou de uma Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no Semiárido: diálogos interculturais como estratégia de enfrentamento às mudanças climáticas. Os palestrantes foram Jairã Tingui e Iran Xukuru, com moderação de Marcelo Firpo (Neepees/ENSP/FioCruz).

NARRATIVAS INDÍGENAS DO NORDESTE 2

Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

08 de março
Auditório Laboratório de Computação Científica e Visualização (LCCV)
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

13:00 Mesa de abertura
Saulo Fernandes (UFAL), André Monteiro (Fiocruz-PE) e Tanawy (Apoimne)

13:30 Mesa 1 - Narrativas Indígenas: audiovisual e diálogos interculturais nas lutas por saúde, dignidade e direitos territoriais.
Palestrantes: Marcelo Tingui-Botó | Kleber Xukuru do Ororubá
Moderador: Marina Fasanello (Neepe-Fiocruz)

15:30 Mesa 2 - Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no semiárido: diálogos interculturais como estratégia de enfrentamento de mudanças climáticas.
Palestrantes: Jairã Tingui-Botó | Iran Xukuru do Ororubá
Moderador: Marcelo Firpo (Neepe/Fiocruz)

Logos of partner organizations: CIES, UFAL, Ororubá, Tingui Botó, NEEPE, LASAT, PROGRAMA NARRATIVAS, FIOCRUZ, and others.

Imagem 4 - Divulgação do Seminário realizado na Universidade Federal de Alagoas

Mesa de Abertura

Palestrante: Tanawy Xucuru Kariri | André Monteiro

Moderador: Saulo Luders

Horário: 13h



Imagem 5 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Acolhimento feito pelo professor Saulo Luders a toda equipe do projeto como a todos os participantes ouvintes do seminário. André Monteiro, coordenador do projeto, apresenta o projeto, fala das justificativas e objetivos gerais.

O convidado desta mesa de abertura foi uma importante liderança do movimento indígena do nordeste, o alagoano Tanawy Xucuru Kariri, um dos coordenadores da Apoinme da Microrregião. Tanawy trouxe reflexões importantes e necessárias a respeito da luta dos povos indígenas, principalmente do Nordeste, e que esta luta proporcionou a união de 300 povos lutando juntos por respeito aos seus territórios. E, Tanawy complementa que o maior território indígena é Pindorama “Quando eu falo, não sou apenas eu, é o meu povo, meus ancestrais, meus antepassados”, diz Tanawy. Ainda traz críticas ao governo anterior e o responsabiliza por todo mal que aconteceu recentemente e questiona: “Que civilização é essa que canta para pneu, polui o ar, invade congresso e quer exterminar os povos indígenas?”

“Só existe natureza porque existem povos indígenas!”

Mesa 1 - Narrativas Indígenas: audiovisual e diálogos interculturais nas lutas por saúde, dignidade e direitos territoriais.

Palestrantes: Marcelo Tingui-Botó | Kleber Xukuru do Ororubá

Moderador: Marina Fasanello (Neepe-Fiocruz)

Horário: 13h30



Imagem 6 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Marina apresenta o projeto e o Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepe/ENSP/Fiocruz). Ressalta que o principal objetivo do Neepe é trabalhar, pesquisar junto com os povos. Diz também que “O audiovisual é importante para a luta, como resistência”. O audiovisual

como estratégia para descolonizar a academia” Aproximar mais a metodologia do “junto com”. Trabalho co-labor-ativo! Coracionar - Trazer a mente junto ao coração.

E o quanto é importante trazer isso tudo para a academia, pois uma das coisas mais terríveis que inclusive se tenta combater é estudado na academia: o agrotóxico.



Imagem 7 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Kleber Xukuru, indígena do povo Xukuru do Ororubá e coordenador deste projeto lembra que seu Povo é a maior população indígena do estado de Pernambuco. Um território imenso que abriga em média 12.000 indígenas.

Apresenta a Ororubá Filmes, um coletivo audiovisual indígena que surgiu a partir de uma provocação feita pelo cacique pois este havia assistido na tv aberta uma matéria que citava com espanto que o cacique utilizava aparelho dental e celular. Como se não fosse possível. E então falou que gostaria que houvesse uma produção que pudesse mostrar a história contada por eles mesmos.

E sem falar em pesquisadores que iam até o território, faziam suas filmagens e na apresentação dos filmes, não dava voz a quem realmente deveria falar. Excluía o protagonista do filme. Então, assim surgiu a produtora.

A 1ª assembleia transmitida ao vivo foi em 2017. Ainda começando, utilizaram os equipamentos que posteriormente foram aprimorados, principalmente na pandemia.

Kleber Xukuru contou que recebeu um convite dos parentes Fulni-ôs para que eles fosse dar uma oficina na aldeia. E isto fez com que estes dois grupos se aproximassem, já que não havia proximidade. E acrescenta: “Ororubá Filmes é um audiovisual de guerrilha!”.

Fala da união aos povos de terreiros, ao MST e outros movimentos sociais para seguir com a luta.

Marcelo Tingui, liderança, biólogo e cineasta do povo indígena Tingui-Botó, conta que o território Tingui-Botó tem 740 hectares e vivendo na aldeia, 700 indígenas e afirma: “Todo território é medicinal!”



Imagem 8 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Marcelo faz parte do movimento intelectual indígena e trouxe muitas falas a respeito da colonização e da luta indígena e de todo o apagamento cultural que os povos do nordeste sofreram, desde então.. Destacou a importância do não-indígena para colaborar nessa luta, como o Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho, Lasat/Fiocruz-PE e o Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde, Neepes/ENSP/Fiocruz, com suas metodologias sensíveis co-labor-ativas, a partir de uma ecologia de saberes como principal fator para construir projeto Narrativas Indígenas 1 e 2.

Mesa 2: Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no Semiárido: diálogos interculturais como estratégia de enfrentamento de mudanças climáticas.

Palestrantes: Jairã Tingui-Botó | Iran Xukuru do Ororubá

Moderador: Marcelo Firpo (Neepes/Fiocruz)

Marcelo Firpo, coordenador do Neepes, apresenta o conceito de promoção emancipatória da saúde e sua importância para o enfrentamento das mudanças climáticas e comenta um pouco sobre a trajetória do Neeps. Fala que pensar em promover saúde nos territórios indígenas, é pensar saúde e cuidado associados ao modo de vida tradicional, em diálogo de saberes e fortalecendo as práticas ancestrais em saúde, que não se referem apenas à saúde humana, e sim ao cuidado com a natureza. Promover saúde requer uma prática interdisciplinar, buscando interfaces com a agricultura tradicional indígena e a

agroecologia, fortalecer o diálogo entre saber científico e popular, incorporando assim, o princípio da integralidade, se tornam estratégias para atuação mais efetiva a partir de uma visão holística e complexa nos territórios.



Imagem 9 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Durante o diálogo com a platéia, Junior Xuru nos lembrou que o idioma Brobo foi proibido após a colonização. Quem insistisse em falar o idioma recebia a pena de decapitação. Os Povos do Nordeste estão resistindo há 523 anos, mesmo com todas as proibições, aproveitavam as festas católicas, principalmente o São João, para realizarem os rituais. Ele diz: “A nossa luta é de sentimentos. Não somos algoritmos. Somos seres espirituais. A gente esquece!”



Imagem 10 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

O primeiro palestrante foi Jairã Tingui, indígena agrônomo mestrando que comentou a importância da participação das mulheres nos projetos, e lembrou: “cadê as raizeiras, benzedeiras e parteiras? São elas que em sua maioria detém estes saberes. É preciso fazer esse trabalho de base na comunidade”.



Imagem 11 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Já Iran Xukuru, também agrônomo e mestre em agronomia, liderança Xukuru do Ororubá, nos falou sobre a ciência invisível encantada e da importância de uma cosmogestão territorial e ambiental, como ele mesmo disse: “contar a arte de meu canto e de meu lugar”. E nos alertou: “o humano no centro de tudo é a doença”. Nos falou de Saunará, a árvore topo do mundo, e disse que há uma linha que divide o céu e a terra, e isso seria uma condição de encantamento. Saunará é a árvore da liberdade para o povo Xukuru, é a comunhão do céu e da terra, é a potencialização da criatividade. Sobre a perda do encantamento pelo ser humano, comenta: “eu antes via o ‘fogo corredor’, hoje não vejo mais, não conversamos com a pedra, com o olho d’água... Saúde é ouvir o passarinho cantar! Nós, o povo Xukuru, não sabemos de onde viemos, a cosmologia se perdeu, mas sabemos para onde vamos, através da pedagogia de caminhar para pedra”. Iran, nos chamou a atenção para a nossa condição de seres humanos e afirma: “humano livre sem a terra livre, é ilusão. É isso é a doença”. E sobre como nos relacionamos com o meio ambiente de forma predadora, trouxe uma bela reflexão: “o beija-flor tira o néctar da flor e ela continua lá, cheirosa e viva”. E nos aconselhou sobre sermos mente, corpo e espírito, e que devemos compreender como seguir por uma cosmonucleação regenerativa.



Imagem 12 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas

Local: Aldeia Tingui-Botó - Olho D'Água do Meio, Feira Grande - AL

09 e 10/03

Horário: 9 às 19h



Imagem 13 - Cartaz de divulgação

Em um espaço de partilha de saberes e diálogos interculturais tivemos rodas de conversa, oficinas e trilhas ecológicas (Gyanças)

Abertura Tradicional

O encontro iniciou com uma abertura tradicional com cantos e a dança do toré tanto dos anfitriões, Tingui-Botó, como dos convidados Xukuru do Ororubá, fizeram os ritos de abertura.



Imagem 14 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Apresentação Projeto Narrativas Indígenas do Nordeste

Após o rito de abertura, o projeto anterior Narrativas Indígenas foi apresentado pelos coordenadores André, Marina, Kleber Xukuru e Marcelo Tingui.



Imagem 15 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó

Às 10:30 todos foram desfrutar do lanche produzido com alimentos vindos da agricultura local e preparado pelas cozinheiras da Aldeia, que participaram ativamente das discussões e das Gyanças no território.



Imagem 16 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Ao retornarmos do lanche demos início à apresentação do Projeto no formato de roda de conversa embaixo da Grande Árvore Cajarana. Sob sua sombra, e o balançar de suas folhas, estiveram presentes na roda toda a equipe do projeto, o grupo dos Xukurus, o cacique Eliziano de Campos e outras lideranças da Aldeia Tingui-Botó, como também Goreth e Koram representando os Xukurus Kariri.

Na roda a discussão foi bem calorosa, dentro e fora do círculo, pois a temperatura não era das mais baixas. A equipe do projeto apresentou suas principais intenções e principalmente como ser possível promover uma saúde emancipatória dentro do território com a participação efetiva da comunidade dentro do SUS. Como aproximar este diálogo? Marcelo Firpo sugere que os Pajés poderiam ter mais diálogo com os médicos do posto de saúde.

Sabaru, uma das lideranças políticas do território, trouxe muitos questionamentos acerca da presença de projetos e acadêmicos dentro do território. Falou também sobre a segurança em manter informações de seu povo em segredo, ter um cuidado com o que pode ser revelado. E perguntou como que a equipe do projeto pretende conduzir a pesquisa respeitando esses preceitos.



Imagem 17 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Koram, curandeira do povo Xucuru Kariri, salienta que é importante compartilhar saberes, principalmente aqueles que são do universo popular. O que é segredo fica em segredo, jamais poderá ser revelado. Trouxe a importância desta troca de saberes dando o exemplo da aroeira como um conhecimento da cultura popular já muito difundido, e como cada povo utiliza esta planta de diferentes maneiras. Ressaltou também, que é muito importante que médicos e profissionais da saúde reconheçam as particularidades de cada povo, e deu o exemplo de que as mulheres Xucuru Kariri sentem muitas dores nas articulações pelo excesso de esforço físico de uma vida inteira de trabalho manuais, que inclui trazer água para casa, caminhando longas distâncias, entre outros esforços físicos do dia a dia delas. Sobre o Pajé ter uma sala no SUS, sua opinião foi de que não seria necessário, pois o pajé já tem a sala de cuidados dele: a mata. Porém, considerou que os postos de saúde deveriam, sim, buscar se integrar ao sistema de cura do pajé, das benzedadeiras, parteiras e mezinheiras. Ela diz: “a farmácia viva é a mata!” Mas, reconheceu que é bom, sim, ter por perto a academia, mas que seja com o devido cuidado, pois o pajé tem seus saberes e a medicina tem os seus. E por fim, ressaltou que cuidar da alimentação é essencial à saúde, que isso não deveria ser esquecido.

Júnior Xucuru, ao pedir a fala, nos trouxe o seguinte: “é importante que a medicina observe os modos tradicionais dos povos, sua religião”, e complementou. “saúde não é só tratar o corpo, o espírito também adocece.” Outras falas pontuais com observações extremamente importantes foram apontadas por Júnior: “tem gente que cuidar de nós, mas está adoecido. Deixe a gente cuidar de vocês também!”

Liderança Xukuru, coordenador do projeto e um dos criadores da Ororubá Filmes, Kleber Xukuru, comentou que em seu povo também enfrenta a preferência por tratamentos alopáticos em detrimento aos realizados pelo pajé. Isso se dá por conta da falta de diálogo dos postos de saúde com as práticas de cura tradicionais. Em seu relato, nos disse que a Ororubá Filmes e as produções audiovisuais funcionam como método pedagógico para trazer informação ao seu povo, e ressalta: “A luta é dentro e fora do território”. Estas situações são decorrentes da invasão sofrida, do processo de colonização e que resultou em um profundo apagamento cultural, ressaltou Kleber.

A professora da Universidade de Pernambuco, Wanessa Gomes, questionou Sabaru e lhe perguntou sobre qual a melhor forma de os pesquisadores se aproximarem do território, para fazer juntos e o que for possível.

Saulo Luders, professor da Universidade de Alagoas, comentou sobre como a academia constantemente forma pessoas arrogantes. O papel da academia está sendo fundamental para a situação dos profissionais que tratam com desrespeito a cultura, o modo de viver de um povo. E que ele também aprendeu a ser assim, mas que no decorrer das experiências, principalmente com as comunidades tradicionais, ele foi seguindo por outro caminho. E hoje, como professor, busca ensinar aos seus alunos que é possível fazer diferente.

Reconhecimento de Território

A programação da tarde foi modificada, e foi decidido que faríamos a trilha ecológica. Seguimos por parte do território Tingui-Botó. Quem nos guiou por esta caminhada foi Jairã. Primeiro, fomos à casa de farinha. Havia vários equipamentos, e por falta de recurso, as máquinas e a estrutura física estavam sem manutenção. Eles nos contaram que todos se ajudam, mesmo a plantação sendo feita por famílias. No dia da colheita, todas as famílias participam do processo, o mesmo se dá com o feitiço da farinha. Nos contou muitas histórias, nos apresentou plantas medicinais e nos falou do quanto que a comunidade trabalhou para recuperar as terras de pasto e transformar novamente em mata da caatinga novamente. Muitas espécies residem no território Tingui-Botó. Uma área preservada, com bastante variedade. A parte onde é realizado o ritual do Ouricuri não pode ser revelado. Passamos apenas por perto.



Imagem 18 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Jairã nos fala da ideia da criação de abelhas para produção de mel. 10 famílias serão beneficiadas com esta iniciativa e que irá lhe gerar renda também.

Eles têm muitos problemas com os vizinhos fazendeiros que cultivam a terra utilizando agrotóxicos. Os limites destas fazendas são bem próximos do território, o que impede de realizar alguns cultivos e como também ter o cuidado com a criação das abelhas para que estas não morram envenenadas.

A paisagem da terra regenerada, reflorestada que o povo Tingui-Botó vem conseguindo realizar, se destaca frente aos diversos pastos dos não-indígenas ao lado.

Dentro de seu território passa um rio caudaloso, só que nesta época do ano suas águas estão nas estranhas da terra. E tivemos a oportunidade caminhar no fundo do seu leito. Nesta caminhada tivemos a dimensão do tamanho da profundidade deste rio.

Mesmo em tempo de segura, ainda corria um fio de água. As crianças que nos acompanhavam se refrescaram naquele pouco de água, mas suficiente para estimular brincadeiras, e muitas risadas. A nós coube desejar ser criança naquele momento, pois o calor era imenso. Nos divertimos com elas.

Teve a história da Ariranha, um animal que vive no rio, que segundo Marcelo Tingui era parecido com a lontra. A história que contaram é que a ariranha pode vir a morder os testículos. Foi o caso que aconteceu na comunidade em que um guerreiro levou 8 pontos e perdeu um de seus testículos. Antes de chegarmos no rio, a brincadeira em torno desta história nos causou risadas e apreensão de um dos pesquisadores. Mas, quando chegamos lá, o rio estava tão baixo que não seria possível encontrarmos uma ariranha.

Seguimos pelo leito do rio. Passamos próximo do local do Ouricuri em silêncio a pedido de Jairã. Foi um momento muito especial de integração e de poder saudar e honrar a mata sagrada para os Tingui-Botó.



Imagem 19 - Registro fotográfico do Seminário Plantando Sementes e Curando Vidas

Cansados da andança, pedimos para Júnior Xukuru puxasse uma canção. E ele resolveu começar um toré. Fomos cantando e dançando juntos o toré com os Xukurus e os Tingui-Botó. A força de seus cantos e o passo do toré nos trouxe força para o retorno.

Para mim particularmente, me trouxe energia e ânimo. Eu disse para Júnior, agradecendo, que para mim foi a passagem de uma vida para outra. Voltei renovada e renascida.



Imagem 20 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó

Ao chegar na aldeia, algumas pessoas nos acompanharam no toré.

Cinema na Aldeia

Por fim, fomos jantar e nos preparar para o cinema na aldeia. Passamos três filmes produzidos pela Tingui Filmes e Ororubá Filmes.



Imagem 21- Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó

Oficina Território Tingui-Botó: desafios e sonhos 10/03

Círculo de cultura: aproximação entre saberes e práticas de cuidado Indígena e o SasiSUS



Imagem 22 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó

Pela manhã, o professor da UFAL Saulo Luders e a professora da UPE Wanessa Gomes realizaram o Círculo de Cultura: aproximação entre saberes e práticas de cuidado indígena e o SasiSUS. O círculo foi realizado na Unidade Base de Saúde da comunidade. O objetivo deste círculo foi dialogar com os Ais e Aisans para pensar uma formação que aproxime os saberes tradicionais em sua prática.

Conclusão

DIFICULDADES	POTENCIALIDADES
Suporte legal: <ul style="list-style-type: none"> - Território limitado; - Rios morrendo. 	Ervas medicinais
Ausência de órgãos fiscalizadores	Saberes tradicionais
Desmatamento e uso de agrotóxicos em terras vizinhas	Força do território
Equipe de saúde reduzida	Preservação de saberes (segredos)
Falta suporte do SESAI para o trabalho dos anciões	Ouricuri/Rituais
Transporte	União
Ausência de ponte que ligue as aldeias	Solidariedade (mutirões)
Ausência de esgoto (+/- 50 anos) <ul style="list-style-type: none"> - Contaminação da barragem 	Preservação ambiental

	Ter uma equipe de saúde indígena
	Tingui Filmes
	Associação de Jovens Produtores

Enquanto acontecia esta ação, a outra parte da programação consistia em ir à casa do pajé, os mais velhos da comunidade e a casa do artesão. Nesta caminhada também foi visitada a casa do professor.

Na casa do pajé, sentamos embaixo de um pé aguai. Sob a sombra deste lindo arbusto, nos falou sobre o seu pai João Botó e contou um pouco da história onde tudo começou. João Botó também era pajé, e assim, a sucessão seguiu esta linhagem. Atualmente, o pajé mais velho não está atuante e quem está assumindo a pajelança da aldeia é seu neto, filho de sua filha Selma, benzedeira da aldeia. Selma também participou da conversa e nos trouxe muita fala sobre a importância da espiritualidade e do sistema de cura indígena. O pajé nos disse que para todo mal tem uma planta e que toda planta trata de uma doença.



Imagem 23 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó

Visitamos o professor, e seguimos para casa do artesão. Lá nos mostrou seus trabalhos e a diversidade dos maracás.



Imagem 24 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó



Imagem 25 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó



Imagem 26 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó

No período da tarde, criamos no momento de acordo com a necessidade um grupo para as crianças. Reunimos em média de 20 a 25 crianças para fazerem também sua cartografia. Foi pedido que desenhassem aquilo que fosse mais importante para elas em sua cultura, em sua aldeia. Muitas crianças desenharam o maracá, paisagens e a grande árvore Cajarana.



Imagem 26 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó

Cartografia de sonhos - saberes e práticas tradicionais

Questões semeadoras:

- Como avançar no fortalecimento de saberes e práticas conectadas à ancestralidade no cotidiano do território e suas lutas?
- Como fortalecer e tornar comum as experiências bem sucedidas dos Tingui em outros territórios ?
- Qual as potencialidades e os limites da academia e do encontro de saberes acadêmicos e tradicionais nas lutas por cuidado, saúde, agricultura tradicional e direitos territoriais?

Grupo de Trabalho - casa de sementes, viveiro



Imagem 27 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó



Imagem 28 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó - GT Saneamento



Imagem 29 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó - GT Saneamento

Grupo de Trabalho - Plantas que Curam



Imagem 28 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó - GT Cinema

Todos os grupos apresentaram as cartografias e trouxeram suas reflexões:

- Micaelle Simplício

A produção de um caderno que contem registros históricos do território Tingui-Botó, relacionados a práticas tradicionais, por exemplo a cura tradicional, onde colocamos produções de vídeos e estes vídeos poderiam estar servindo de espaço de informação, como nós tivemos o exemplo de exposição de vídeos ontem. Formar redes; produção de cinema indígena, que foi um pouco da ideia que nós demos, enquanto povo Xukuru. Que a educação Xukuru possa iniciar uma discussão onde o audiovisual possa ser implementado nas escolas Xukurus, como conteúdo ou disciplina. Fica como proposta para o território Tingui-Botó também.

- Marcelo Tingui

O que acontece: a gente tem um entendimento da potencialidade, da responsabilidade de estar não só formando jovens, mas de estar conscientizando o território; ou seja, a proposta de valorização, da riqueza social da comunidade mesmo que tenhamos que viver com o regimento externo - que é a constituição de 1988 - mas nós temos nosso próprio regimento interno.

E a palavra que tenho pra dizer é especialmente para nosso povo, nós os Tingui-Botó, nós mostramos quem somos, que podemos e devemos ser a pessoa que nós somos, não vamos mudar, vamos tentar sempre ver o melhor na pessoas, procurar respeitar pra poder permanecer sendo esse povo, que o pessoal vem de fora e pode sentir.

- Júnior Xukuru

Da mesma forma que hoje dentro da SESAI nós temos um espaço onde o pajé pode atender, muitas vezes não é respeitada essa questão, por acreditarem muito ainda na cultura da “bata branca”.

A fazenda aqui embaixo que é onde é apagado, não tem vida, e do lado dos Tingui-Botó, onde a gente vê o desenho onde mostra vida, onde tem árvore, onde tem peixe, onde tem caça, onde tem tudo isso preservado.

- Koram

Enquanto a Terra não for livre, eu também não sou. Então a saúde é isso: enquanto nós não tivermos nosso território demarcado, nós não temos nossa liberdade. E a saúde libertadora, essa que a gente fala, é essa saúde que ela não tem uma metodologia certa. O que é doença, o que é saúde pra cada povo tem essa diferença: o nascer, o viver, o adoecer e o morrer. Então, é dentro dessas palavras aqui que a gente resume o que é o potencial dos povos indígenas para trazer essa saúde libertadora, não a saúde imposta, mas uma saúde que é construída dentro do território.

- Pajé

O uso da medicina tradicional, que fala especificamente da mata sagrada. Desde criança a gente tem nossos conhecimentos, que é o uso da matéria prima sobre a questão da nossa medicina tradicional. Deixemos de levar em conta por um não-índio, sobre a questão de levar nossa saúde, sabendo que nossa saúde tá dentro de nossa mata que é a maior riqueza que a gente traz, hoje em dia.

- Jairã

O viveiro, que é nessa ideia que a gente tem dois na comunidade e muito que a demanda da gente por plantas, por mudas, é meio que já atendida. Já tem muitas árvores, a gente tem muda pra dar e vender... e o fazendeiro, por exemplo, se quisesse tirar 1/3 da fazenda dele para reflorestar pelo menos na beira do rio, a gente teria muda suficiente pra abastecer a fazenda dele, mas o Junior disse que não precisa ele plantar não, é só ele dar a terra que a gente planta.

Então, essa representação dos viveiros, nessa ideia de reflorestar mesmo, não só reflorestar o solo, mas reflorestar o modo de vida das pessoas, reflorestar a mente das pessoas, reflorestar o coração das pessoas.

E algumas pouquinhos cabeças de gado, o trator jogando veneno, contaminando o que resta de fauna e de flora daquele ambiente que está jogando, mas contaminando também quem está por perto, no caso, nós e nossas crianças e todo nosso ambiente que a gente vive. O trator simbolizando mais ou menos isso, o problema que a gente tem com agrotóxico.

Foi o fazendeiro que é nosso vizinho aí, dando cerveja, churrasquinho pra galera aí, pra ganhar pro Bolsonaro. Essa contradição ela é presente, dualística mesmo, de quem preserva e de quem destrói. E desses temas saiu a ideia de que na parte de viveiro e reflorestamento a gente tá muito adiantado.

Para estudar a situação química dessas águas, se está contaminada por agrotóxico e o quanto, se está contaminada por restos fecais e quanto, se é acessível para banho, para dar banho nos animais, para beber... Essa água que a gente tem, utiliza para várias finalidades, pra pescar e a gente será que não tá se contaminando? Esse é o encaminhamento da Fiocruz, articulando um grupo de estudiosos para estarem vindo na comunidade fazer um estudo sobre essas águas dos rios e dos açudes que a gente tem no território.

- Rosi

Sobre a manutenção dos viveiros: a gente colocou a caixa d'água para representar, que no caso é uso de forma correta para esses viveiros - e é um dos sonhos.

- André Monteiro

A gente vai fazer um esforço de conseguir na Fiocruz pesquisadores que possam vir fazer a pesquisa em relação a questão da esquistossomose que é um problema muito sério e que está relacionado a isso, a problemas de saneamento. Vamos tentar contribuir nesse sentido.

A gente espera poder continuar fazendo essas trocas, compartilhando e contribuindo para construir melhores condições de vida, que os sonhos se realizem.

- Marcelo Firpo

E que ao longo desse ano, a gente consiga sistematizar e trazer para dentro dos territórios, mas também a gente enquanto academia, apoiar a luta de vocês para que vocês tenham mais força ainda para

seguirem, não somente, buscando um caminho de ensinamento e de troca, mas ensinando também ao mundo a sabedoria fundamental que será impossível continuar vivendo nesse planeta e produzindo conhecimento na academia sem a sabedoria dos povos indígenas.

- Marina Fasanello

Muito ainda pra refletir, fazer síntese e criar outros frutos e novos caminhos para que esse projeto tenha novas edições. Uma coisa que apareceu muito forte, foram as águas. Surgiu mais no grupo do viveiro, do reflorestamento, do saneamento, mas em todos eles. A importância da água, e dizer que vai ser um dos temas que a gente vai tentar junto com a Fiocruz e com os nossos parceiros enfrentar essas dificuldades da água contaminada, da falta de saneamento, da água que falta pros viveiros... Vai ser uma das nossas forças. A outra é a questão do audiovisual dentro da escola. Fazer essa relação de forma mais forte e trazer pra dentro da escola esse aprendizado, não somente do audiovisual, mas que a comunidade possa contar sua própria história, a partir dos próprios Tingui-Botó aqui nessa aldeia, de outros indígenas em outras escolas.

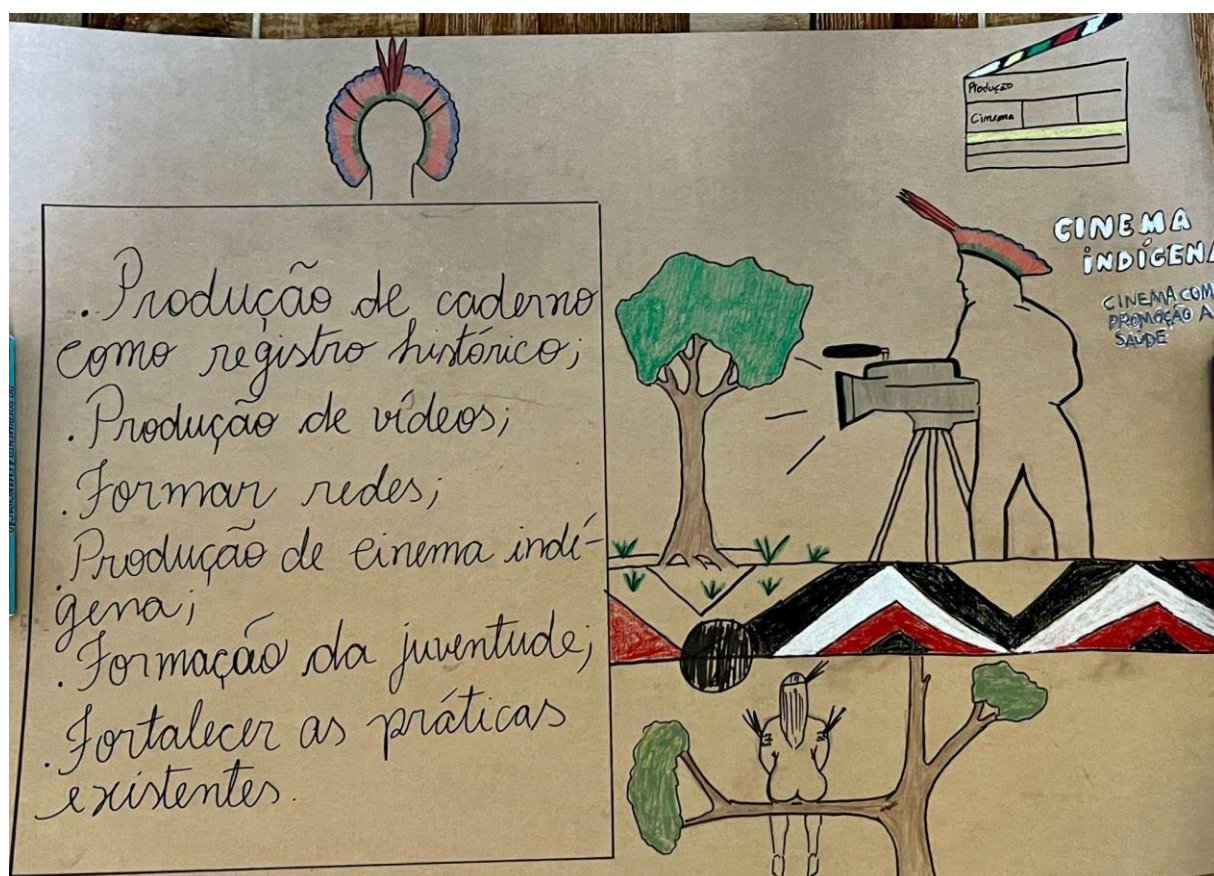


Imagem 29 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó - GT Cinema



Imagem 30 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó - GT Saúde

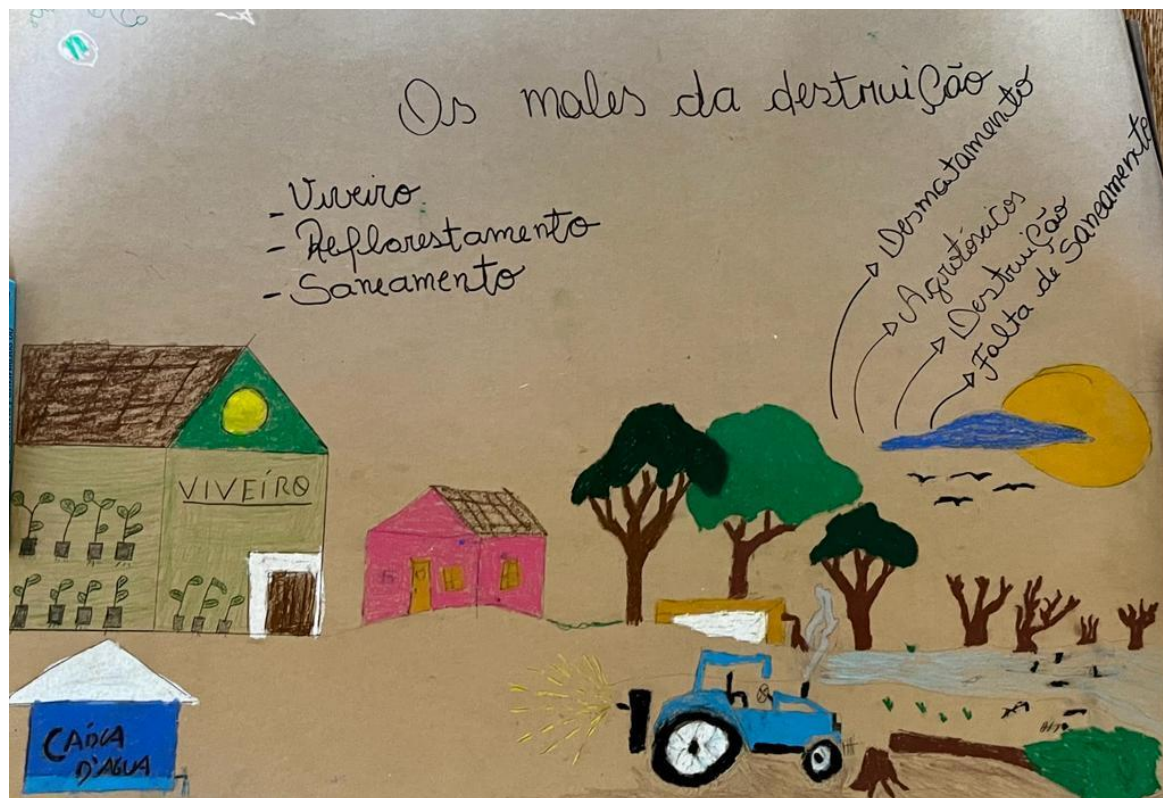


Imagem 30 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó - GT Saúde

Encaminhamentos

Foram criados encontros, oficinas, compartilhamentos de experiências, para dialogar com os Tingui e demais envolvidos na rede sociotécnica colaborativa, com foco no reconhecimento do território para avaliar as estratégias planejadas coletivamente. Partimos de um processo de identificação de potenciais e desafios existentes na Aldeia para melhorar as relações de cuidado em diversas dimensões e na relação com o SasiSUS. Em constante diálogo com lideranças tradicionais foram avaliadas as atividades propostas, na interface da expertise científica, respeitando os saberes tradicionais, o que contribuiu na reestruturação das diversas nas frentes de pesquisa do projeto.



Imagem 31 - Registro fotográfico do Encontro Plantando Sementes e Curando Vidas TI Tingui-Botó

Os temas que emergiram do encontro foram: saneamento dentro do território para tentar solucionar o problema da esquistossomose; envolver os jovens da comunidade na construção de uma farmácia viva dentro da unidade básica de saúde, aproximando os saberes tradicionais com o trabalho dos Ais e Aisans; fazer o levantamento de sementes, questões à atenção básica de saúde como o agrotóxico.